

**DECRETO N.º 3948, DE 27 DE OUTUBRO DE 1971****Dá denominação à vias públicas da cidade de Campinas.**

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969

**DECRETA:**

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — CACIQUE PIQUEROBI — a rua 2 da Vila Ypê, com início na Estrada Estadual Campinas-Valinhos e término na rua 3 do mesmo loteamento.

II — CAMPOS DE PIRATININGA — a rua 3 da Vila Ypê, com início na rua 2 e término na Vila Hípica.

III — CACIQUE CAIUBI — a rua 4 da Vila Ypê, com início na rua 5 e término na rua 2 do mesmo loteamento.

IV — BARTIRA — a rua 5 da Vila Ypê, com início na Estrada Estadual Campinas-Valinhos e término na rua 4 do mesmo loteamento.

V — MECIAÇU — a rua 6 da Vila Ypê, com início na rua 5 e término na Vila Hípica.

VI — PARAGUAÇU — a rua 7 da Vila Ypê, com início na rua 6 e término na rua 1 do mesmo loteamento.

VII — PERI — a rua 8 da Vila Ypê, com início na rua Agnaldo Macedo e término na rua 6 do mesmo loteamento.

VIII — CECI — as ruas a serem unificadas: a rua 20 do Jardim das Oliveiras — 3.ª parte — com início na rua José P. dos Santos e término na rua Agnaldo Macedo; rua 10 da Vila Ypê, com início na rua Agnaldo Macedo e término na rua 6 da Vila Ypê.

IX — CACIQUE TIBIRIÇÁ — a rua 17 do Jardim Eulina, com início na rua 8 e término na rua 9 do mesmo loteamento.



## RUA CACIQUE CAIUBI

Cronologicamente, pode-se dizer, o primeiro morador da Tabatinguera foi o cacique Caiubi, o célebre guaianás de Jurubatuba, que os jesuítas, logo nos primeiros tempos da catequização, conseguiram atrair para junto do colégio de Piratininga, no lugar onde se fundou São Paulo. O velho murubixaba abandonou suas roças e foi instalar-se com os seus índios no sítio denominado Coeira. Ali desempenhou o posto de sentinela avançada em defesa da cidadela crigã, que era circundada por longos muros. Pela conformidade topográfica da região, o catecumeno encontrava-se na crista, que fica onde se acha a igreja da Boa Morte. Ali deveria barrar, com sua experiência de guerra, as tropas Aimorés que por algumas vezes tentaram sem êxito destruir a nascente povoação. Quando da morte do valente chefe indígena, o padre José de Anchieta, em carta para o Reino, lamentou o seu desaparecimento. Caiubi foi um dos grandes esteios da obra evangélica.

As longas muralhas aos poucos foram devoradas pelo tempo. São Paulo tornou-se uma aldeia de portas abertas. E, no antigo lugar de Caiubi, abriu-se uma clareira, depois uma picada, que se alongava da Ponte do Ferrão ao largo do campo. Por ela ganhava-se o coração da vila, que era junto ao colégio jesuítico, no atual pátio do Colégio.

(Trecho extraído da reportagem "Tabatinguera, a rua Mais Antiga da Cidade", inserida à pág. 3, do 2º caderno, da edição do 80º aniversário do jornal "Diário Popular", de São Paulo, datado de 09-11-1964).



## "Capítulo II

### "A Origem do Povo Paulista

"Tem sido muito debatida, e até hoje depende de uma solução positiva, a origem dos primitivos habitantes do mundo descoberto por Colombo.

.....  
 "Deixando portanto aos eruditos questão tão complexa, vamos estudar apenas as raças indígenas conhecidas em nosso território quando chegou Martim Afonso de Souza em S. Vicente.

Três nações indígenas tinham aí a sua origem, ou pelo menos aí foram encontradas, embora viessem de outras regiões.

Essas nações eram: a dos Guaianases, a dos Tupis e a dos Carijós.

A primeira habitava a parte austral do país, confinando ao oriente com os Tamoiós; ....

Os usos e costumes de todas essas nações eram idênticos, embora diferentes seus dialetos e origens.

Os guaianases tinham por chefes Tibiriçá e Caiubi.

Habitavam principalmente os campos de Piratininga, no interior, donde fugiram espavoridos dos massacres e horrores dos conquistadores, tomando o refúgio das matas e permanecendo nos sítios da sua antiga residência, sujeitando-se a viver em aldeamento, posteriormente, os que não tinham caído em escravidão.

A mais numerosa das tribus dos Guaianases que se sujeitaram a ficar nas terras do seu antigo domínio, foi chamada "Guarulhos", que depois do massacre dos índios formou a aldeia deste nome constituída freguezia, segundo Machado de Oliveira, em 1685."

(Extraído de fls. 22, 23, 24 e 25, de "A Historia de São Paulo ensinada pela Biografia dos Seus Vultos Mais Notáveis" de Tancredo do Amaral, editada por Alves e Cia., Editores, edição de 1895)



Martim Afonso de Souza, era um português das mais nobres famílias de sua terra, que foi encarregado de iniciar a colonização no Brasil e que, em 3 de dezembro de 1530, com uma armada comandada por seu irmão Pedro Lopes de Souza partiu de Lisboa com destino à nossa pátria.

Essa armada era composta de cinco velas e trazia 400 homens.

Martim Afonso teve, além do encargo de reconhecer nos mares do sul o rio descoberto por Solis, o de dirigir as colonias que fundasse.

Em 12 de agosto de 1531, aportou Martim Afonso à ilha do Abrigo, junto da de Cananéia. Em vista de tempestades que reinaram naqueles mares, desistiu Martim Afonso de sua ida ao Rio da Prata, dando tal incumbência ao seu irmão Pedro Lopes, e retrocedeu para o norte entrando em 21 de janeiro de 1532 na enseada de Guarapissamã, e fundeando a 22 na costa oriental da ilha Induá-Guassú, cujo nome foi mudado para S. Vicente, por ser o dia desse santo.

A ilha Guaymbé que, com aquela, forma a dita enseada, recebeu o nome de S. Amaro, derivado do orago da população levantada ai mais tarde pelo seu donatário Pedro Lopes de Souza.

Mandou Martim Afonso construir uma casa forte para alojar a gente, que recebeu a artilharia necessária.

Sabendo o cacique Tibiriçá, nos campos de Piratininga, da invasão dos seus domínios, fez juntar a sua gente disposto a repelir os invasores.

João Ramalho, naufrago português e casado com Bartira, filha do régulo Tibiriçá, sabendo também do ocorrido e da construção da casa forte, calculou que não poderia ser senão portugueses os desembarcados, desfez a má impressão que tal fato causou no espirito do cacique induzindo-o mesmo a dar bom acolhimento aos portugueses e, no momento em que Caiubi, segundo chefe da Confederação Indiana, composta dos Carijós, Guaianases e Tupis ia investir para o forte, fez-lhe ver a vontade do régulo.

(Extraído de fls. 50, 51 e 52 do livro "A História de São Paulo ensinada pela Biografia" de Tancredo do Amaral, editada por Alves & Cia., Editores, edição de 1895).